

Nota introdutória

A sombra de um homem só: Poemas selecionados constitui uma escolha dos melhores textos que escrevi e publiquei ao longo de quase trinta anos. As composições foram extraídas de seis livros: *A oeste deste céu* (1993), *O labor das marés* (1994), *Línguas de fogo* (2001), *O pó da sombra* (2014), *O teu nome incendiado de azul* (2016) e *Luzes distantes, vozes perdidas* (2019). Não incluí primícias do meu livro *Entre ausência e esquecimento* (1991), por o considerar uma obra de aprendizagem, com os naturais defeitos de quem se estreia. Na secção final, apresento onze novos textos, alguns deles surgidos, dispersamente, em antologias e revistas universitárias.

Porquê esta seleta? As obras referidas são de difícil acesso, pois há muito desapareceram das livrarias e, só por mero acaso, se encontram em feiras ou em alfarrabistas. Outras estão esgotadas há vários anos e, dado o reduzido número de leitores desta forma literária em Portugal, seria arriscado republicá-las. Para além disso, com o passar do tempo, senti necessidade de reescrever ou, pelo menos, de melhorar, alguns poemas mais antigos. Deste modo, *A sombra de um homem só* recupera mais de uma centena de composições que, creio, representam o que de melhor escrevi. Possam estes textos, pólen no vento, ser resgatados ao oblívio e encontrar novos leitores.

Novos poemas

eram jovens

eram jovens, muito jovens,
mas o grito luminoso da sua paixão
vinha do princípio do mundo.

eram jovens e tinham fome
de azul e de sol negro e de beijos
como relâmpagos desesperados.

fome de canções ardendo nas ondas,
e também de planícies de silêncio,
após as ínfimas mortes do amor.

eram jovens, tão jovens,
e o seu nome antigo só o vento
lembrará.

são raparigas, as palmeiras

são raparigas
dançando ao vento,
as palmeiras.

ilusões sinuosas,
feminino rumor de ar,
no engano do deserto.

quem não as deseja
entre a caligrafia seca
das dunas?

mas não esperes delas água:
só a sua sombra
matará a tua sede.

escada de caracol

a memória é uma escada de caracol
onde tropeçam os nomes e as noites
de todas as raparigas que amei,

e esquecidas ficaram na espiral do tempo,
na curva ansiosa da minha mão,
no voo sem rasto de uma ave.

onde estarão, agora?
quem as beijou, em vez de mim,
em noites de fogo salgado?

ó tempo, deixa-me aguardar na escada
pelos passos, pela chave na fechadura,
pela porta ardente do amor.

o riso longínquo das jovens deusas

essas raparigas que um dia inspiraram
poetas suicidas, sem namorado, nem deus,
náufragas até ao último verso,

essas raparigas de riso longínquo,
tão distantes quanto a noite,
que fumam a morte em poemas de outono,

tais raparigas, beijadas por engano,
o coração no horizonte remoto,
altivas, ausentes, imunes à paixão,

essas raparigas, digo-te, um dia
serão música, pétalas abertas, fogo
dançante – e, depois, cinza de nada.

nos passos do esquecimento

até a cicatriz vermelha
ter perdido
a memória do lume,

até a dor rasgada
já não ter mais
costuras,

até o teu nome
evocar somente
uma noite longínqua,

até ambos
sermos apenas
a ausência um do outro.

ossos lavados pela chuva

em certas noites, tu sabes,
até o silêncio, tão poroso,
me pesa sobre a pele.

e as recordações
tornam-se ossos lavados
pela chuva

e a melancolia desce, desce,
com suas lâminas prateadas
ao país do outono.

diz-me: quantas memórias
terei de matar
apenas para ficar vivo?

o fim do que não tem princípio

houve um tempo de palavras tão suaves
quanto o descer do linho na pele
ou a carícia da mão sobre o trigo.

tempo em que a lança trespassava
a tua ferida cálida e sangrava mel,
espuma, sementes e noite.

tudo isso é agora a recordação
de um incêndio longínquo no horizonte
e do latir dos cães bravos à saudade.

agora, é tempo de te deixar partir,
de estender as memórias ao sol,
de ser o fim do que não tem princípio.

são agora tão frágeis

são agora tão frágeis, os nomes
das raparigas que, em tempos,
eram a estrela e o milagre.

elegias a deus nenhum,
santuários de amor abandonados,
no sangue seco do tempo.

reduziram-se a meros acidentes,
no silêncio perfeito
que a memória deita a meu lado.

e, porém, esses nomes ardem
ainda no país longínquo da noite
e, sílaba a sílaba, queimam o meu sono.

caixa de costura para a alma

o meu coração é uma caixa de costura
onde cabem, tresmalhados, pensamentos,
alguns alfinetes, botões órfãos.

há fios de nomes cedo tesourados,
novelos já sem gatos que os persigam,
uma fita de medir o fim aos dias.

tenho os olhos exaustos de costurar
poemas noite dentro,
os dedos feridos de picadas em falso,

mas vou cosendo farrapos e memórias,
e, ponto a ponto,
remendo a minha alma.

sobre o quadro “nevermore”, de paul gauguin

uma jovem incandescente,
posando sobre o leito,
era apenas o rascunho do amor.

faltava soprar-lhe a alma,
convencer a ave invisível
a penetrar no casulo do corpo.

só depois a jovem seria o riso
e a bebedeira e o êxtase azul,
respirando loucamente,

a música que crepita até ao fim,
o mais delicado silêncio
roubado à ventania.

regressarei contigo

regressarei contigo, da noite mais longa,
com as mãos a transbordar de lume,
sabendo que nunca morreremos.

por ti, enfrentarei a chuva, a pólvora,
o deserto, o pânico, o negrume, a cinza,
quando todos os castelos arderem.

e pelos teus olhos verei, cego de luz,
nascer a seara azul
na primeira onda da madrugada.

contigo, atravessarei os arcos do futuro,
rumo às planícies onde riem e brincam
as mais belas crianças do infinito.

Índice

Agradecimentos	05
Nota introdutória.....	11

A oeste deste céu (1993)

zero decibéis	15
a lírica mínima do amor	16
lábios	17
scriptografia	18
made in coketown	19

O labor das marés (1994)

do sangue e das fontes.....	23
tempo	24
palavras	25
fuga	26
neve.....	27
beijo	28
erosão.....	29
as cidades invisíveis.....	30
meninos transparentes.....	31
em busca	32
ausentes para amor incerto.....	33
últimos ritos	34
ciganos	35
noturno	36
acorde.....	27

Línguas de fogo (2001)

terra incógnita	41
o mais frágil endereço para o vento	42
à janela das ondas sem regresso	43
os faunos	44
apressadamente	45
o corpo doído ou doido	46
prece do mareante à estrela aldebaran.....	47
o sol onde camilo pessanha nasce	48
sermão de antónio vieira a deus	49
promessa de antigona.....	50
fragmento branco para eugénio de andrade	51
alguns outros, pensando em al berto	52
como se eu fora filho de mim mesmo	53
esta noite, outro milénio.....	54
cruelmente perfeito	55
no coração arruinado da cidade.....	56
há demasiada beleza em ti.....	57

O pó da sombra (2014)

ars poetica	61
mil novecentos e oitenta e cinco	62
canção para um navio distante	63
morre-se no verão desassossegado.....	64
senhora da terra.....	65
navegando de mastros amputados.....	66
relâmpago.....	67
depois do amor	68
três da manhã	69
submissão.....	70
pedidos de empréstimo	71

borboletas.....	72
lolita	73
vive.....	74
com as mãos manchadas de azul.....	75
para que a noite seja jovem outra vez	76
babilónia, meu amor.....	77
hiroshima	78
açores	79

O teu nome incendiado de azul (2016)

por ti, reparti a noite, o medo e o amor	83
lutas de amor	84
para que a noite se abra	85
êxtase	86
o mapa do coração	87
amantes	88
quando estou contigo, nu e só	89
para que serve o outono, diz-me	90
vem atravessar comigo a noite	91
pássaro de cristal	92
um livro me leva pela mão.....	93
pórtico para a morte	94
fim de tarde, no jardim de um poeta bárbaro	95
a morte era uma desconhecida	96
inventário dos bens imprescindíveis	97
saudade definida.....	98
epitáfio para um poeta.....	99

Luzes distantes, vozes perdidas (2019)

um beijo inacabado	103
junho	104
agosto	105

era uma rapariga na idade das cerejas	106
era uma rapariga a quem chamavas casa	107
era uma rapariga de silêncio e neve	108
algumas raparigas são quartos de hotel.....	109
à deriva pela noite	110
campo de neve em flor.....	111
roupa branca estendida na corda.....	112
a noite mais longa	113
com saudade.....	114
o punhal mais duro do silêncio	115
desamar o silêncio.....	116
silêncio comparado	117
branca, a madrugada	118
mãos em concha.....	119
como dormir esta noite.....	120
a poesia é um desassossego.....	121

Novos poemas

eram jovens	125
são raparigas, as palmeiras.....	126
escada de caracol.....	127
o riso longínquo das jovens deusas	128
nos passos do esquecimento.....	129
ossos lavados pela chuva	130
o fim do que não tem princípio	131
são agora tão frágeis.....	132
caixa de costura para a alma	133
sobre o quadro “nevermore”, de paul gauguin.....	134
regressarei contigo	135

Índice	137
--------------	-----